



## UMA CARTA DE VILLEGAGNON: ODE AO ALMIRANTE SALDANHA

*"Homenagear, Cultuar e Exaltar fatos relevantes e pessoas memoráveis da história de um País é dever de todo e qualquer cidadão que venera sua Pátria."  
(CMG (Ref) Joãomar Aragão Dutra)<sup>1</sup>*

<sup>1</sup> Discurso proferido em homenagem ao Almirante Saldanha da Gama, durante as comemorações do 129º aniversário do Clube Naval no ano de 2013, no Rio de Janeiro.

---

*Aspirante Rafael Reis Cavalcanti*

---

Villegagnon, em 23 de outubro de 2015.

Excelentíssimo Senhor Contra-Almirante Luiz Philippe Saldanha da Gama,

Há exatos 118 anos, V. Ex.<sup>a</sup> assumia a direção desta Escola, onde se tornou uma das figuras mais representativas da Marinha, defendendo seus Aspirantes até o fim de seus dias, e da qual, hoje, saio para dar os primeiros passos nesta tão bela carreira. Tomei liberdade de escrever, pois, em virtude da situação moral em que se encontra nosso amado Brasil, em que a au-

sência de exemplos e líderes corrompe todos os valores e preceitos básicos da sociedade, não enxerguei melhor personalidade, tão valorosa e colecionadora de belas ações, para guiar e aconselhar este Aspirante.

Participo, também, que venho relembrar a memória de meus contemporâneos acerca da importância de suas ações em vida, como Almirante, não somente para a Marinha, como para o Brasil.

Agora, sem mais delongas, segue uma breve descrição de suas ações, como Contra-Almirante e Diretor

desta Escola, num período também crítico para o país, que demonstraram sua importância para os Aspirantes.

## “O NOSSO ALMIRANTE”

Por decreto, em novembro de 1891, Luiz Philippe Saldanha da Gama chega enfim ao Almirantado. No mesmo mês, ocorre o golpe de Estado, liderado pelo Almirante Custódio de Melo e pelo Marechal Floriano Peixoto, amigo de Saldanha desde os embates no Paraguai. Saldanha é convidado pelo Ministro da Marinha, Almirante Wandenkolk, a participar da revolução. Todavia, por acreditar na unidade nacional e por lealdade a Deodoro, não adere, decidindo lutar ao seu lado, caso necessário. Porém, o combate não acontece devido à decisão de Deodoro de renunciar, e os revoltosos saem vitoriosos.

Cinco meses após a queda de Deodoro, Saldanha é convidado a Comandar a Escola Naval, graças ao seu valor, à sua tenacidade e ao seu prestígio. Todos os seus feitos, conhecimentos e Honra com a qual levava sua carreira trouxeram novos ares aos Aspirantes. Dedicava grande parte de seu tempo participando de fainas, atividades esportivas e provas acadêmicas, sempre focando em seu exemplo. Sua presença agradava e seu caráter inspirava os Aspirantes, a quem o Diretor tratava com simpatia e respeito, de forma que criaram forte lealdade para com Saldanha. De acordo com Costa (1944, p. 208), “o seu gesto era visto e sua palavra era ouvida desde a madrugada.”

Embora o curso da Escola Naval “alcançasse os mais altos índices de aproveitamento até então conseguidos”, (COSTA, 1944, p.209) a tensão e o sentimento de revolta ainda reinavam no cenário político brasileiro. Tal fato preocupava o Diretor, uma vez que considerava imprópria a participação de militares na política e, principalmente, porque queria proteger seus alunos, como mostra o trecho de uma carta enviada a um amigo durante o ano de 1893:

A Escola porém continua em férias, por motivo das obras em andamento. Mas estou doido por que comecem as aulas, pois que assim poderei ter os rapazes afastados da atmosfera corruptora que cobre esta nossa capital. Em todo caso, enquanto não os posso fechar nesta ilha, ao menos os conservo ao lado, depositados todos no *Purús*, apenas com o Comandante. (SALDANHA, 1893 apud COSTA, 1944, p. 212).

Quando recebeu a notícia da já esperada Revolta da Armada, o Almirante fora contrário e decidiu apenas por prestar apoio aos eventuais feridos e, princi-

palmente, garantir o não envolvimento e a proteção dos Aspirantes. Sua missão consistia em:

[...] Impedir até a Marinha do futuro (que é a Escola Naval) de recolher ao menos os despojos da Marinha do presente, tão fundamentalmente turbada e mimada, quanto o Exército de terra, pela paixão política inoculada nas veias das classes militares do Brasil, desde a revolução de 15 de Novembro de 1889. (SALDANHA, 1892 apud COSTA, 1944, p. 238).

Recebeu o convite para participar da revolta do próprio Chefe do Estado-Maior da Armada revoltosa, Almirante Francisco José Coelho Neto, e respondeu da seguinte maneira: “Mantenho-me neste posto tão somente no interesse e pelo dever de salvaguardar a Escola e seus alunos, que são o futuro e esperança da Marinha e do País, dos efeitos e consequências da revolta. Além disso nada mais.” (SALDANHA, 1893 apud COSTA, 1944, p. 221).

Recebeu o convite também do então Presidente do país, Marechal Floriano, para assumir a pasta da Marinha durante uma conferência no Itamaraty, sendo também recusado. Segue a resposta do Almirante ao então Presidente Floriano, que teve como testemunha o então Guarda-Marinha Rafael Brusque:

Não posso compreender o convite. V. Ex.<sup>a</sup> sabe que, se eu estivesse aqui em 15 de novembro de 1889, as coisas não se teriam passado como se passaram, sabe também que insisti com todas as minhas forças para que o Exmo. Marechal Deodoro não lhe entregasse o governo, oferecendo-me para dominar a revolta da Esquadra, e mais ainda: há bem pouco, V. Ex.<sup>a</sup> recebeu neste palácio uma delegação vinda de Niterói, a qual veio denunciar e pedir providências a V. Ex.<sup>a</sup> com relação a uma conspiração monarquista em que o venerando Almirante Tamandaré era o presidente e eu era o secretário. V. Ex.<sup>a</sup> brindou os delatores com champanha e prometeu agir de acordo com as exigências do caso. Nestas condições passou pelo cérebro de V. Ex.<sup>a</sup> que eu podia ser um conspirador. Depois disto, só posso pensar que o convite que acaba de me fazer é com o fim de experimentar o meu caráter ou pretender inutilizar-me. Não dou a V. Ex.<sup>a</sup> o direito em que pense em qualquer dessas hipóteses. Não aceito o convite. (SALDANHA, 1893 apud COSTA, 1944, p. 214).

O apoio aos feridos era feito na Ilha das Cobras, a qual era guardada por um grupo de Aspirantes leais a Saldanha e por um pequeno Cruzador. Aliás, o regime na Escola Naval não se alterara, mesmo com a liberdade, dada pelo Almirante, de retorno: eles permaneciam firmes ao lado de seu Comandante.

O desejo de embarque nos navios revoltosos era grande entre os Aspirantes, mas a autoridade de Saldanha não era desacetada. Inclusive, não eram permitidos contatos entre os Aspirantes e os Revoltosos, de forma a “preservar a esperança única da Marinha e da Pátria” e “zelar os brios e honra da instituição, berço da Marinha.” (COSTA, 1944, p. 237). Dizia o Diretor Saldanha da Gama (1892 apud COSTA, 1944, p. 231): “Devem ficar neutros para recolher os restos, pois a derrota é inevitável...”.

Depois de meses em silêncio político, resolvendo apenas questões relativas à Escola Naval, Saldanha resolve tomar partido ao lado dos revoltosos. Não pelos ideais destes, mas sim para libertar o país do “militarismo, agravado pela contubérnia do sectarismo e do mais infrene jacobismo” e do “despotismo que o degrada diante de si mesmo”, mesmo contra um amigo. Em sete de dezembro de 1893, Saldanha escreve seu manifesto e passa a chefiar a revolta no Rio de Janeiro. Seus leais Aspirantes e Guardas-Marinha o acompanham na investida de salvar a pátria. Estes foram seus ajudantes e companheiros nos campos de batalha.

Diversos foram os combates nos quais o Almirante e os Aspirantes lutaram contra as tropas dos governos. Muitos Aspirantes e Guardas-Marinha vieram a falecer em prol de seu chefe, ou embarcados em lanchas ou pela espada em terra. Este, sempre presente, em todas as ações em que houvesse Aspirantes envolvidos, dia e noite. A Coragem que exalava e suas valorosas ações os inspiravam. Não temia nada. Diversos são os exemplos, como quando na Ilha do Tavares passou perto de si um projétil de canhão e suas palavras foram apenas: “Bravo! Assim é que se recebe um Almirante... A pontaria foi alta. Até já!”

Foi assim até o final de 1895, quando o Teatro de Operações já não era mais o Rio de Janeiro e sim o Rio Grande do Sul e a revolta já se encontrava praticamente controlada

pelo governo, quando “Nosso Almirante” veio a falecer em Campo Osório. Sua morte trouxe comoção geral em todos os círculos sociais, brasileiros e estrangeiros.

## O LEGADO DE SALDANHA

Após uma breve descrição acerca da passagem de Luiz Philippe Saldanha da Gama na Escola Naval, como Comandante, foi possível fazer uma reflexão do real valor que suas ações representam para Oficiais e Aspirantes. Valores e atributos observados ao longo de sua vida que, hoje, são cultivados e ensinados na Escola Naval, por meio da Rosa das Virtudes.

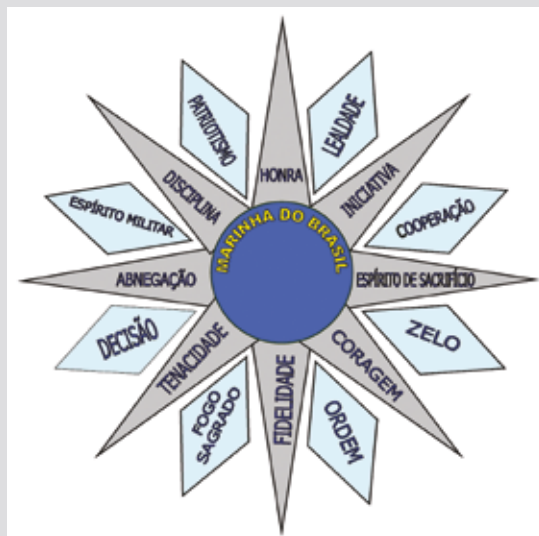
Homem à frente de seu tempo, prezava pela etiqueta, educação e enriquecimento cultural, o que o fez ser admirado por todos os lugares que visitou. Sua disciplina e autoridade eram inquestionáveis, de forma que buscou mostrar tais pilares nos seis navios que comandou. O Valor Militar e suas manifestações são características que transpareciam de maneira natural e encantaram toda uma sociedade.

Teve os primeiros anos de carreira na guerra, de onde saiu herói e moldou seu caráter com base em sacrifício, patriotismo e abnegação. Compreendia o cenário da guerra, fazia crítica às atitudes de seus superiores, mas nunca deixou de cumprir ne-

nhuma ordem ou faltou com respeito a nenhum deles. Leal aos seus superiores e Fiel à Marinha, à qual dedicou toda a sua vida.

Cultuava a Marinharia, desde suas viagens de instrução como Aspirante, e valorizava as Tradições Marinheiras. Buscava sempre o aprimoramento técnico-científico, nas mais diversas áreas: letras, astronomia, botânica, engenharia, história e tantas outras. Sempre ético e correto, seu Caráter era inquestionável, justificado principalmente na maneira de conduzir de seus homens, sejam Oficiais, Praças, Aspirantes e Guardas-Marinha.

Aliás, é nos Aspirantes e Guardas-Marinha que o exemplo de Saldanha é espelhado. Seus valores militares e atitudes refletem a Rosa das Virtudes e o Código de Honra expresso no Juramento à Bandeira.



Rosa das virtudes

A Rosa das Virtudes, mesmo não existindo em sua época, visto que fora criada em 1954, faz-se presente em toda sua vida: na Lealdade que tinha por seus superiores, como Deodoro, e por seus Aspirantes; na Iniciativa que o fez chefe da Revolta da Armada e que demonstrara na sua eterna prontidão para o combate; na Cooperação em que seu egoísmo era deixado de lado; no Espírito de Sacrifício que marcou toda a sua vida, principalmente durante a malograda Revolta da Armada, e o levou à morte em Campo Osório; no Zelo que marcou todos os seus Comandos; na Coragem para enfrentar os inimigos e na Coragem Moral para dizer não, mesmo para superiores, visando ao melhor para os subordinados; na Ordem com a qual organizava seus homens; na Fidelidade com que se dedicava exclusivamente à Marinha e ao Brasil; no Fogo Sagrado e na Tenacidade de suas ações, sempre visando ao objetivo maior; na Decisão, que era certa nos momentos delicados; na sua vida sempre Abnegada; na Disciplina com que conduzia seus navios e homens; no Espírito Militar visando ao Prestígio da Marinha; e no Patriotismo, que o fez entrar nesta Revolta.

Embora não tenha feito o Código de Honra em um juramento como hoje os futuros Oficiais fazem, o pregou durante toda a carreira, culminando com “o sacrifício da própria vida”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sr. Contra-Almirante Luiz Philippe Saldanha da Gama, ao término desta exposição posso afirmar que Aspirantes e Oficiais têm no seu exemplo o espelho de líder e marinheiro íntegro. Ao se adentrar nos portões da Antiga Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição de Villegagnon, hoje, sede da Escola Naval, ainda se faz sentir sua presença.

Seus Aspirantes ainda continuam a seguir seu exemplo, através da Rosa das Virtudes. Seus rumos representam tudo o que o senhor foi em vida. Seus atos ainda são lembrados e glorificados. Sua educação e busca constante por conhecimento contagiam os Aspirantes.

As fainas marinheiras, os estudos, cerimônias, provas, atividades esportivas e trabalhos acadêmicos ainda ocor-

rem, sempre galgando a mesma maestria que em seu Comando alcançou. Sua imagem, em forma de busto, ainda se perpetua no principal pátio da Escola Naval, sempre a encarar as diferentes gerações de Oficiais de Marinha como o Comandante que enxerga na sua tripulação o desafio de liderar, que nunca foi um problema para Vossa Excelência.

A Liderança que exerceu nos seus subordinados ainda fascina os novos Oficiais que buscam compreendê-lo a fim de serem melhores militares e homens. O Caráter inegável, como poucos homens na história deste país, e o espírito patriótico são, hoje, atributos incessantemente avaliados e trabalhados nos futuros Oficiais.

A maneira como comandou a Escola Naval durante o início da década de 1890 o tornou eterno na memória daqueles que tiveram a honra de serem seus Aspirantes: na constante participação na rotina da Escola, desde fainas a viagens de instrução nas quais foi Comandante e instrutor e, ainda, nas batalhas durante a Revolta em que ao seu lado contava apenas com a mocidade dos jovens a quem jurou proteger das sujeiras do mundo político.

Este que pode ser considerado um grande aprendizado e que hoje se faz presente no Estatuto dos Militares: não tomar partido em movimentos políticos. V. Ex.<sup>a</sup> já o alertava: a liberdade do povo e sua defesa estão acima de quaisquer interesses políticos. Tal era sua crença, que, mesmo a Marinha do Presente estando contaminada e dividida, cabia à Marinha do Futuro retomar os valores perdidos. E o senhor protegeria essa Marinha a todo custo.

Deixou claro nas últimas palavras presentes em seu manifesto de sete de setembro de 1893: “Espero poder cumprir o meu dever de brasileiro até ao sacrifício! Cumpri o vosso!”.

E assim o fez.

Esta é sua apoteose, Almirante.

Que o seu legado seja eterno na memória dos Sentinelas dos Mares e para os brasileiros nestes tempos tão cruéis.

Respeitosamente,

Aspirante Rafael Reis Cavalcanti.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Estatuto dos Militares. Lei nº 6.880, de 9 de dezembro de 1980.

COSTA, Dídio. Saldanha: Almirante L. Ph. Saldanha da Gama. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 1944.

ESCOLA NAVAL. Nossa Voga. Publicação destinada aos novos Aspirantes da Escola Naval. Rio de Janeiro, 2009.